Sociedade e Cultura | ISSN: 1980-8194 DOI: 105216/sec.v29.82900

Renascença Clube e o empoderamento de mulheres negras: uma perspectiva crítica em relações étnico-raciais

Renascença Clube and the empowerment of Black women: a critical perspective on ethnic-racial relations

Renascença Clube y el empoderamiento de mujeres negras: una perspectiva crítica sobre las relaciones étnico-raciales

Alexandre de Carvalho Castro
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
alexandre.castro@cefet-rj.br

Damaris Campos Pereira da Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
psi.damariscampos@gmail.com

Aline da Fonseca Sá e Silveira
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
aline.silveira@cefet-rj.br

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
maria.giorgi@cefet-rj.br

Resumo: O presente artigo pretende analisar o lugar da mulher negra nas práticas discursivas do Renascença Clube, considerado o primeiro clube negro da cidade do Rio de Janeiro. Ou seja, visa entender como ocorre a participação do clube nas atividades e serviços voltados ao empoderamento da mulher negra frequentadora da instituição, ações implicadas em discursos que apresentam virtudes e ambiguidades. O

método de pesquisa, baseado na Pesquisa-Ação, permitiu problematizar os projetos atualmente em desenvolvimento, mediante críticas às suas evidentes contradições, tanto sob a perspectiva histórica quanto sob o viés étnico-racial e de gênero. Verificou-se que as práticas do clube, como os concursos de beleza e os projetos voltados à saúde mental, conquanto positivadas em sua premissa, ainda revelam um enredo que pode reatualizar certas categorias de controle sobre o autêntico protagonismo da mulher negra.
Palavras-chave: empoderamento feminino; mulheres negras; beleza negra; afro rena.

Abstract: This article aims to analyze the place of Black women in the discursive practices of Renascença Clube, considered the first Black club in the city of Rio de Janeiro. In other words, it aims to understand how the club participates in activities and services for the empowerment of Black women who frequent the club, actions implied in discourses that have virtues and ambiguities. The research method, based on Action Research, allowed us to problematize the projects that are currently being developed, through criticism of their evident contradictions, both from a historical perspective and from an ethnic-racial and gender perspective. And what was found is that the club's practices, such as beauty contests and projects developed focused on mental health, although positive in their premise, still reveal a plot that can re-actualize certain categories of control over the authentic protagonism of Black women.
Keywords: female empowerment; Black women; Black beauty; afro rena.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar el lugar de las mujeres negras en las prácticas discursivas del Renascença Clube, considerado el primer club negro de la ciudad de Río de Janeiro. En otras palabras, se pretende comprender cómo el club participa en actividades y servicios de empoderamiento de mujeres negras que lo frecuentan, acciones implicadas en discursos que tienen virtudes y ambigüedades. El método de investigación, basado en la Investigación-Acción, permitió problematizar los proyectos que actualmente se desarrollan, a través de la crítica de sus evidentes contradicciones, tanto desde una perspectiva histórica como desde una perspectiva étnico-racial y de género. Se pudo

observar que las prácticas del club, como los concursos de belleza y los proyectos desarrollados centrados en la salud mental, aunque positivos en sus premisas, todavía revelan una trama que puede re-actualizar ciertas categorías de control al protagonismo auténtico de las mujeres negras.

Palabras clave: empoderamiento feminino; mujeres negras; belleza negra; afro rena.

Submetido em: 31 de maio de 2025
Aceito em: 28 de outubro de 2025

Introdução

O Renascença Clube foi fundado em 17 de fevereiro de 1951 por famílias negras de classe média que tinham o intuito de se reunir e promover um espaço de convivência social, cultural e recreativa para a comunidade negra, já que, direta ou indiretamente, foram alijadas ou impedidas de conviver em outros clubes e espaços de socialização da elite branca, em razão de preconceito e racismo. Como pessoas negras não eram bem aceitas nos clubes da elite carioca, o Rena – como é chamado afetivamente – foi criado com o propósito de ser reconhecido como uma agremiação da família negra. De fato, é compreensível a motivação principal para a iniciativa: a necessidade de um espaço social no qual negros e negras pudessem ser eles mesmos, desfrutando de relações afrocentradas.

Assim, como um clube fundado por negros e para negros, era – e ainda é – tido como um espaço de afeto, sociabilidade, resistência e afirmação de negritude. O clube foi pensado pelos fundadores também como espaço de valorização e resgate da cultura negra carioca. Atualmente, está situado no bairro Andaraí, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mas é importante lembrar que, em sua fundação e nos anos iniciais de sua existência, esteve localizado no bairro do Lins de Vasconcelos.

Atualmente, o clube oferece uma programação ampla de expressões culturais, como samba, teatro, cinema, entre outros. Como marca registrada, às segundas-feiras ocorre o tradicional Samba do Trabalhador, sob a direção do sambista Moacyr Luz, compositor e intérprete de destaque do samba carioca, com início sempre às 16 h e término às 22 h, tendo em vista que o clube está localizado entre prédios residenciais do bairro. O evento consiste basicamente em uma roda de samba típica da cultura local, razão pela qual integra o roteiro turístico da cidade, sendo indicado por agências de turismo como uma oportunidade de conhecer aspectos da música brasileira raiz. Algumas dessas agências chegam a

oferecer translado para turistas estrangeiros em transporte com ar-condicionado e guias bilíngues registrados.

Um ponto de destaque para este artigo é que pesquisas já realizadas sobre essa organização negra têm ressaltado o protagonismo feminino. Como descrito por Giacomini (2006), em sua tese de doutorado, a participação de mulheres negras no clube é expressiva desde a sua fundação:

> À época de sua criação, O Renascença Clube contava com um núcleo de 29 sócios fundadores, todos negros segundo os relatos e registros. É marcante a **presença feminina** neste momento de criação e estruturação do Clube, já que eram 18 no grupo fundador – contra 11 homens – e duas na primeira Diretoria – contra quatro homens. Embora a composição da Diretoria não refletisse a **maioria feminina** entre os sócios, ainda assim é digno de destaque que o Renascença tivesse uma **presença feminina** seja no quadro social, seja no núcleo dirigente, infinitamente mais destacada que os demais clubes sociais da cidade nos anos 50 (Giacomini, 2006, p. 31, grifo nosso).

Esse fato é interessante porque permite indagarmos quais são os papéis ocupados pelas mulheres negras nesse clube, que tem elevada importância dentro dos movimentos sociais de cunho étnico-social no tecido social do Rio de Janeiro. Numa análise da história desenvolvida nessa instituição, podemos acompanhar um pouco da evolução dos movimentos de afirmação da negritude e da valorização da autoestima dessa população (Monteiro, 2019).

Malgrado o discurso institucional que tenta se caracterizar como "quilombo urbano", é evidente, no entanto, a dimensão do Renascença como espaço de sociabilidade de negros majoritariamente de classe média. Algumas análises acadêmicas chegam até a minimizar a caracterização do clube como "organização de combate", defendendo que o elemento que mais se destacava era o entretenimento e a festividade. Dessa forma, numa análi-

se sociológica, "o que aparecia como elemento dominante era o Renascença Clube como espaço de sociabilidade em que homens e mulheres negros se encontravam e fruíam do contato social num ambiente festivo" (Giacomini, 2006, p. 16).

De qualquer forma, essa instituição sempre teve uma ênfase que o distinguiu de agremiações similares do Rio de Janeiro. Macedo (2007) chega a conjecturar que o nome "Renascença" poderia indicar alguma influência do *Harlem Renaissance*, um movimento artístico e intelectual ocorrido no Harlem – bairro negro de Nova York – nas primeiras décadas do século XX. Não é possível ser taxativo quanto a isso, mas a existência do clube carioca indica um fenômeno local similar a episódios globais, pois grupos negros renasciam em vários centros urbanos com novas formas de autorrepresentação. Assim, também na capital do Brasil, em meados do século XX, grupos socialmente emergentes repensavam a imagem da população negra e sua inserção na sociedade brasileira. Processo esse, aliás, com muitos antecedentes históricos e geográficos (Melo; Silveira, 2023).

Das diversas atividades que aconteceram no clube ao longo dos anos, Giacomini (2006) destaca seus principais projetos, os quais deram visibilidade e reconhecimento para o Clube. O Renascença, que se iniciou como uma tentativa que poderia ser entendida como um estabelecimento de elos igualitários entre negros e brancos (DaMatta, 1997), dada a analogia com clubes brancos da sociedade carioca, transformou-se também em um espaço de afirmação. Assim, há no Renascença projetos em disputa que se sucedem e, às vezes, coexistem de modo mais ou menos próximo, ou com a esfera privada, ou com o interesse público.

A indagação de Giacomini (2006, p. 16) é sugestiva: "Três possibilidades de caracterização: academia de mulatas, espaço de sociabilidade, organização do movimento negro. Como era possível ser tudo isso ao mesmo tempo?". Dentre esses três elementos destacados, considera-se o primeiro como de interesse maior para o artigo, por causa do concurso de miss, no qual as modelos que desfilavam eram tidas como ideais de beleza mulata. Com a res-

salva, todavia, de que a terminologia de "academia de mulatas", muito recorrente, não foi construída ou proposta pelo próprio clube. A imprensa carioca, sobretudo a revista *O Cruzeiro*, é que apresentava matérias que "afirmavam ser o Renascença uma academia de mulatas" (Giacomini, 2006, p. 149).

Além disso, uma questão para se elucidar logo nesta introdução é que a alusão feita neste artigo ao termo "mulata" apenas reproduz o uso da terminologia usada nas fontes históricas do período e nos depoimentos colhidos, sem que haja por parte da pesquisa o viés de reificar ou validar práticas discursivas de branqueamento promovidas pela elite brasileira. Sobretudo porque, como se sabe, há discussões densas sobre essa palavra (com etimologia supostamente oriunda de "mula", do latim *mulus*), e restrições étnico-raciais ao uso do termo (Castro, 2019).

O objetivo deste artigo, entretanto, uma vez caracterizada em linhas gerais a instituição, é analisar o lugar da mulher negra nas práticas discursivas do Renascença Clube. Os tópicos a seguir, consequentemente, apresentarão os procedimentos metodológicos adotados para a consecução do propósito da investigação. Cabe ressaltar ainda que, nessa discussão, a interseccionalidade estará sempre presente, ainda que de forma implícita, visto que a pesquisa articula gênero, raça e classe. É importante sempre lembrar que a interseccionalidade é uma das formas de combater opressões imbricadas e multifacetadas, sendo, portanto, considerada uma abordagem de análise e um instrumento de luta política (Hirata, 2014).

O Renascença Clube como campo de pesquisa: metodologia e referencial teórico

O desenvolvimento da pesquisa com o Renascença Clube deu-se em decorrência de um convite – uma demanda – que partiu do próprio clube, para que o grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Cefet/RJ estudasse as relações étnico-raciais e a tradição negra da instituição. A ideia

era criar um dispositivo de pesquisa, o que efetivamente ocorreu de forma atrelada à oferta da disciplina de mestrado "Tópicos Especiais em Identidade, Oralidade, Memória e Tradição". Com discussões dentro da academia e idas a campo, a disciplina se desenvolveu ao longo do segundo trimestre de 2023. A pesquisa de campo, por sua vez, estendeu-se até o final de 2024.

Nos primeiros encontros com o clube, o Diretor Cultural do Renascença, João Carlos Martins, discorreu sobre a história, os projetos atualmente desenvolvidos e os objetivos futuros que possuíam ou almejavam. Em sua explanação, algumas questões chamavam a atenção, como, por exemplo, o relato de que o clube trabalhava com cuidados em saúde mental e iniciativas de empoderamento de mulheres negras. Assim, os pesquisadores e as pesquisadoras orientaram, inicialmente, o olhar e a escuta para o tema da emancipação feminina. O propósito consistia em compreender: como o empoderamento feminino era visto pelos membros do clube; quais ações para a saúde mental o clube oferecia; quais eram os projetos em desenvolvimento referentes às temáticas de saúde mental; e quais eram as percepções das pessoas que participavam de tais ações sobre o Renascença Clube.

Como neste trabalho havia a preocupação com a aderência entre metodologia e teoria, os pesquisadores decidiram utilizar e adaptar o referencial teórico que se originou com base em Kurt Lewin (1890-1947) e em seu método de Pesquisa-Ação. Realmente, com a proposição da Pesquisa-Ação como metodologia, Lewin (1946) pretendia não apenas estudar um dado problema *in loco*, mas também participar das relações existentes no campo de pesquisa, considerando a convivência como essencial para a compreensão do problema: "Observar, descrever, analisar e devolver a escuta na busca de conhecimento" (Melo; Maia Filho; Chaves, 2016, p. 154). Em seu texto seminal sobre o método, Lewin (1946) chegou a citar os problemas dos negros, enfatizando que grupos minoritários tendem a aceitar o julgamento implícito dos grupos sociais que têm maior status, mesmo quando o juízo de valor é

dirigido contra a própria minoria. Esse aporte de Kurt Lewin sobre os problemas das minorias (temática que passou a desenvolver após a ascensão do nazi-fascismo), há de se ressaltar, interessa em muito a esta investigação.

No Renascença, a intenção dos pesquisadores era de que os objetos de pesquisa se tornassem sujeitos, possibilitando a partilha do lugar de produção de saber. Dessa forma, a comunidade também era vista como pesquisadora, indo além da mera condição passiva para se tornar um polo de saberes instituintes, conforme os encaminhamentos de quem propôs a investigação. Ademais, as demandas dos próprios atores sociais do Renascença também eram objeto de reflexão, pois poderiam ou não coincidir com a encomenda da pesquisa – o convite efetuado pela direção. Tendo tudo isso em vista, o método foi escolhido porque sua estratégia metodológica pressupõe uma aproximação entre pesquisador e pesquisado, além de interesse pela mudança social. Por essa característica, inclusive, a metodologia da Pesquisa-Ação é considerada por alguns como um processo "guarda-chuva", porque pode comportar diferentes formas de coleta e análise de dados (Leite; Lemos, 2022).

A Pesquisa-Ação, destarte, é um termo que descreve a investigação como um processo empírico, que implica a identificação do problema dentro de um contexto institucional, seguido do levantamento de dados relativos ao problema e da análise dos elementos levantados (Koerich; Backes; Sousa; Erdmann; Albuquerque, 2009). O método, portanto, emerge como uma importante ferramenta capaz de articular teoria e prática por meio de uma ação voltada à transformação de uma determinada realidade. A *action research* (Lewin, 1946), entretanto, tem passado por diversos desenvolvimentos, com base em críticas provenientes da análise institucional e de outras epistemologias de base francesa.

Como se sabe, Kurt Lewin era judeu e migrou, por causa do regime nazista, da Alemanha para os Estados Unidos, país no qual contou com diversos alunos e colaboradores. Esses sucessores

de Lewin preocuparam-se com a produtividade industrial e com temas que implicaram "um desvio, nos Estados Unidos, no nível das práticas de intervenção" (Dubost, 1994, p. 224). Tal ênfase no pragmatismo ocasionou uma apropriação reducionista das ideias iniciais de pesquisa-ação, que, em alguns ambientes, ficou limitada à aplicação mecanicista do ciclo PDCA (*plan-do-check-act*) para o controle e a melhoria contínua de sistemas, processos produtivos e produtos. No contexto norte-americano, sobretudo, a "*action research*" tornou-se um termo genérico aplicado a qualquer tipo de tentativa de melhorar ou investigar a prática organizacional. Estudos que tentaram mapear essas dispersões (Tripp, 2005) identificaram tipos diferentes que, para simplificar, podem ser classificados em termos de (1) *technical action research* (de caráter pragmático e mecanicista), (2) *practical action research* (voltado para mudanças), ou ainda (3) *political action research* (comprometido com análise do exercício de poder).

A entrada do pensamento de Kurt Lewin na França ocorreu por volta da década de 1950, por intermédio de tendências organizacionais instituídas pós-Plano Marshall. No entanto, em solo francês esse pensamento tomou rumos singulares (Barros, 2004), suscitando ácidas apreciações oriundas da psicossociologia e da análise institucional. Na França, o uso da *action research* repudiou a tendência marcada pela visão unilateral de pesquisadores centralizadores, em favor de uma perspectiva voltada à análise das demandas e das instâncias de mudança. A questão da demanda tornou-se fundamental, pois o pesquisador, diante das solicitações da organização em foco, precisava investigar o sentido dessas demandas com base em sistemas velados de poder presentes nas relações e dinâmicas dos distintos segmentos institucionais.

A corrente funcionalista que se adensava nos EUA dos anos 1960, no eixo de soluções rápidas para demandas produtivistas imediatistas, então, tornou-se alvo de duras críticas por parte de pesquisadores franceses. Em um cenário de disputas posteriores aos textos iniciais de Lewin, a pesquisa-ação da psicossociologia francesa já não era mais um método no qual "pesquisa" e "ação"

consistiam em meros polos artificialmente interligados, visto que a preocupação maior estava em construir ferramentas para a ruptura do cotidiano organizacional (Barros, 1994).

De fato, embora Kurt Lewin seja uma referência obrigatória para uma introdução à Pesquisa-Ação – inclusive por ter intuído perspectivas muito férteis ao articular pesquisa e participação, embricando tudo isso à transformação social –, existem muitos desenvolvimentos posteriores que não podem ser olvidados. A investigação, ao se deparar com o campo de pesquisa e com os atores sociais, com seus jogos de poder e interesse, pode eventualmente assumir diferentes configurações, dependendo das situações e das análises envolvidas, integrando-se tanto ao processo de transformação social quanto ao processo de produção de conhecimentos.

A apropriação dessa metodologia na França, de fato, ocorreu de forma contra-discursiva. Ao cotejar o método com outras práticas desenvolvidas até então, a abordagem francesa passou a desenvolver procedimentos de intervenção e de práticas de Pesquisa-Ação praticamente indistintos entre si, tendo como eixo uma dinâmica integrada que articula psicologia social, psicossociologia, sociologia e análise institucional. As concepções metodológicas que contribuíram para a ampliação desse método, entretanto, tão somente puderam se reafirmar quando romperam com aportes e critérios de cientificidade supostamente neutros das ciências experimentais. Ou seja, foram justamente as correntes metodológicas voltadas para a intervenção no campo de pesquisa que suscitaram relevantes avanços em procedimentos de investigação, os quais continuaram a ser concomitantemente e continuamente questionados e debatidos. O que se propugnava na França, então, era a busca de alternativas e de práticas de pesquisa que não se enquadrassem rigidamente em critérios positivistas, uma vez que estes poderiam delimitar aprioristicamente uma fronteira ou entre o científico e o não-científico, ou entre neutralidade e comprometimento.

Diferentemente do que aconteceu nos Estados Unidos, onde a *action research* muitas vezes se caracterizou como método de pretenso ajustamento e adaptação social, o caminho na França foi distinto (Monceau, 2005), buscando-se, na abordagem crítica francesa, o comprometimento do pesquisador com a ação de transformação social, incluindo as relações sociais. Esse comprometimento poderia ser incorporado de forma multifacetada, basicamente de três maneiras: pela constatação de que o pesquisador efetivamente se envolvia na dinâmica social que estudava; pelo seu comprometimento com valores antecedentes à sua inserção no campo de pesquisa; ou pelos propósitos que ele passava a assumir ao chegar em campo. Em outras palavras, esse tipo de Pesquisa-Ação de corte mais crítico exige do pesquisador uma constante reflexividade voltada a indagar sua prática de pesquisa à medida que ela se desenvolve. E isso não exclui questionamentos também dirigidos às diferentes partes envolvidas nas distintas fases do trabalho, cuidadosamente estruturadas.

A Pesquisa-Ação crítica, enfim, é um método que apresenta um relativo êxito na academia, particularmente na França, e teve seu maior desenvolvimento nos anos de 1970-1980. Nessa época, a Pesquisa-Ação foi mobilizada como metodologia privilegiada nas ciências humanas e sociais. Grupos, movimentos pedagógicos, assim como o Instituto Nacional da Pesquisa Pedagógica (INPP) contribuíram para disseminar o termo. Para muitos, tal método representava um desdobramento crítico da observação participante (Leite; Lemos, 2022), e os pesquisadores que a ele se dedicavam tinham como denominador comum o desejo de pensar e transformar suas práticas e, consequentemente, demandavam contribuições provenientes dos resultados da pesquisa. Muitos desenvolviam um procedimento de pesquisa coletiva e uma problematização de suas próprias práticas profissionais. Em um momento posterior, a Pesquisa-Ação mostrou-se principalmente como um meio de formação e de mudança participativa. Seu uso se articulava com evoluções políticas de fundo, relacionadas à modificação das relações hierárquicas, que implicavam, por sua

vez, novas políticas de descentralização e de autonomização de organizações. Monceau (2005), ao historicizar esse período, chega a elencar diversos autores franceses – tais como Dubost, Lévy, Touraine, Crozier, Friedberg, Lourau, Lapassade, Sainsaulieu e Enriquez –, mas descrever a contribuição de cada um e discutir tudo isso aqui exigiria quase uma digressão, dada a amplitude do debate. Para simplificar os procedimentos aludidos, basta dizer que o método usado neste artigo contém variações e desenvolvimentos da proposta original de Kurt Lewin, tratando-se de uma metodologia de Pesquisa-Ação adaptada para este trabalho. Isso se justifica principalmente porque se propugna por uma abordagem decolonial, na qual a recepção de conceitos e procedimentos originalmente eurocêntricos – como a Pesquisa-Ação – e de suas ferramentas metodológicas deve ser historicamente mediada por demandas sociais e aspectos culturais eminentemente brasileiros (Castro, 2014).

Muitas vezes, é difícil transformar em um texto corrido, claro e inteligível, as discussões marcadas por uma reflexão coletiva elaborada de forma fragmentada e recorrente. Os registros desta pesquisa, todavia, pretenderam transparecer a intenção crítica de produzir *insights* que tivessem alguma relevância para as pessoas do Renascença Clube, com base nos problemas aludidos por eles mesmos a respeito de seus afazeres cotidianos, sobretudo porque tais práticas foram observadas e indagadas. O que se produziu na prática de uns e de outros – no bate e volta, no vai e vem entre pesquisadores e atores sociais do Renascença (também sujeitos da análise) – foi continuamente questionado. Nos tópicos a seguir, também ficará evidente o questionamento sobre a procedência de certos costumes e modos de ser e agir, especialmente aqueles orientados pelas mulheres negras e direcionados a elas.

Com os aportes da Pesquisa-Ação pela via francesa, a intenção da análise situou-se além do espaço restrito da instituição em que se realizou o estudo, que no caso foi a sede do Renascença Clube, porque no desvelamento, tanto da pesquisa quanto da intervenção, produziram-se ambiguidades e contradições, assim

como afirmações e negações. De fato, houve uma mútua interferência entre o que se produziu nas visitas ao campo, nos registros parciais dos depoimentos, nas sessões de discussão dos pesquisadores, na elaboração dos relatórios parciais e na redação final do texto publicado.

O problema de pesquisa suscitou um itinerário de investigação suficientemente estruturado para preservar a objetividade, mas também adequadamente flexível para atender às discrepantes demandas não previstas. As fases adotadas para o seu planejamento correspondem aos tópicos elencados a seguir, sendo eles: a) fase exploratória; b) problematização dos depoimentos e observações realizadas; c) análise histórico-conjuntural do campo de observação; d) discussão do tema de pesquisa à luz dos referenciais teóricos.

A primeira fase, que incluiu observação *in loco* e coleta de depoimentos, foi realizada durante um trimestre letivo (entre os meses de setembro e dezembro de 2023), no qual ocorreram visitas pontuais e participação nos principais eventos do clube no final de 2023. Em tais momentos, os pesquisadores observaram o andamento dos projetos relatados nas entrevistas e depoimentos. As fases dos procedimentos seguintes (problematização, análise histórico-conjuntural e discussão) foram realizadas ao longo do ano de 2024.

Procedimentos exploratórios: o que se tem de projetos atualmente

A fase exploratória da Pesquisa-Ação foi feita nas primeiras visitas ao clube. Nessas ocasiões, conforme já salientado, destacou-se a recorrente preocupação com a saúde mental das mulheres negras do clube e a relevância de seu empoderamento, especialmente em uma mesa-redonda com diversos integrantes da liderança da agremiação.

Com foco nos projetos atuais, fizemos contato para entrevistas nas semanas que se seguiram. Era necessário compreender, com base nas descrições e percepções do Diretor Cultural do Renascença, assim como dos demais dirigentes, o que o clube entendia como saúde mental e quais eram as associações possíveis com os projetos em andamento. As conversas mostraram-se extremamente produtivas para o eixo da investigação, com ampla exposição sobre os projetos que o clube desenvolvia no momento, em parceria com secretarias de saúde, assistência social e a Prefeitura do Rio de Janeiro. O Renascença é considerado por segmentos do poder público como um lugar onde podem ser desenvolvidas atividades de cuidado para a população daquele bairro e de seu entorno, visto que os serviços públicos frequentemente recorrem à sua infraestrutura para a realização de ações assistenciais quando necessário.

Cabe ressaltar também que existe um serviço específico, em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, voltado ao cuidado de mulheres em situação de violência. Apesar de não ser um projeto idealizado pelo clube, mas pelo poder público municipal, há cessão de espaço e esse serviço é considerado pela direção do Renascença como uma parte importante para o empoderamento das mulheres que o frequentam.

Uma ressalva necessária, porém, é que projetos municipais eventualmente podem ser incorporados dentro de políticas governamentais que privilegiam o interesse privado, e não o público em si. Há uma série de estudos que comprovam o fato de que políticas estatais não são necessariamente públicas (Leão; Castro, 2013). Daí a necessidade, mesmo no Renascença Clube, de se pensar a relação entre o Estado e as políticas públicas, já que esses termos não são coincidentes e os domínios do Governo Municipal e do interesse público não se sobrepõem obrigatoriamente.

Em todo caso, o fato é que numa parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, foi desenvolvida, na Feira Afro Rena, uma roda de conversa sobre questões de Saúde Mental, com base em temas como alimentação da população negra e beleza negra. Essa

busca, realizada por meio da clínica da família, surgiu a partir da percepção de que os serviços de saúde atendiam a uma demanda da população, em sua maioria negra, com questões relacionadas à saúde mental.

Para além desse trabalho, o foco da feira era também trabalhar o pertencimento local e a identidade negra, como mencionado pelo Diretor cultural do Renascença Clube:

> **E nesse trabalho da gente vai ter uma roda de conversa falando sobre gastronomia e uma outra falando sobre moda e beleza. Então, essas rodas de conversa vão abordar questões de saúde mental**. São rodas com alguns pesquisadores, e você pode participar também porque vai ser importante, e aí você pode contextualizar tudo o que vai acontecer. Um dia vai ser a roda de conversa de gastronomia, focando na questão do alimento, todo esse contexto que falei antes, e um outro sobre a beleza. Mas, no fundo, no fundo, a gente quer pegar **desde o espaço de proteção da mulher como espaço de saúde mental e o espaço dela como potente para sua vida, o empreendedorismo, o espaço potente dela como mulher no mercado de trabalho, mas tudo focado por essa questão mais integral, o conceito da mulher como integral, saúde, trabalho, beleza, bem-estar, estética**. Um conjunto que isso vai ser mostrado no espaço de beleza. E a partir daí terá essa roda de conversa. Então, a gente vai trabalhar um laboratório de experimentos" (João Carlos Martins, entrevista concedida em 27 set. 2023).

Ao longo da coleta de dados, ficou evidente que apesar de o Renascença ter como intuito principal trabalhar a saúde mental, não estava muito claro como seria feito esse trabalho. Não havia definição de ações terapêuticas, quadros nosológicos, procedimentos diagnósticos, avaliações psicológicas, mecanismos de anamnese ou triagem. Do ponto de vista da Psicologia Clínica ou da Saúde Coletiva, o termo "saúde mental" parecia ser utilizado

e compreendido apenas no âmbito do senso comum. Segundo o entendimento dos pesquisadores, isso talvez se deve ao fato de o projeto ainda estar em construção.

Durante essas ações exploratórias, os pesquisadores verificaram que os depoentes se referiam tanto às ações de sociabilidade quanto às ações de assistência social mediante o uso do termo "projeto". Aspecto, aliás, já constatado por pesquisas anteriores. Giacomini (2006, p. 18), inclusive, procurou discutir o termo com base em Gilberto Velho, mostrando que "a conformação ou emergência de um projeto social coletivo, que englobe ou sintetize diferentes projetos individuais", demanda a existência de interesses comuns que, por sua vez, fundamentam a existência de dado grupo social.

O uso do termo "projeto", neste artigo, remete às falas das pessoas entrevistadas. Quando determinada iniciativa era descrita como projeto, o texto procurou refletir esse uso discursivo. Entre os vários projetos citados, selecionaram-se aqueles que aparentavam ser mais consistentes e relevantes. O projeto de mulheres empoderadas, por exemplo, não foi incluído para análise nesta fase da Pesquisa-Ação.

Mediante entrevista por Whatsapp com a coordenadora responsável, constatou-se que o projeto integrava o "Programa Empoderadas", do Governo do estado. Esse programa atuava em sessenta localizações diferentes, incluindo o Renascença Clube. As ações envolviam aulas de autodefesa para mulheres, vítimas ou não de violência, além de cursos de capacitação e assistência psicológica, social e jurídica, conforme as necessidades de cada caso atendido. O depoimento da coordenadora, entretanto, evidenciou o caráter incipiente da iniciativa, uma vez que o projeto acontecia no Renascença Clube, mas não era uma iniciativa orgânica da instituição.

Com base em critérios de relevância definidos pelo protocolo de pesquisa, foram selecionados como projetos atuais: a primeira feira Afro Rena, o retorno dos concursos de Miss Beleza Negra e a realização inaugural das rodas de conversa sobre gastronomia e beleza.

Em todo caso, e não há como desconsiderar esse viés, a tentativa de investigar o que era compreendido como questões de saúde mental evidenciou iniciativas marcadas pelo senso comum. Pôde ser observado que "saúde mental" aparecia como um signo social muito amplo. Para o representante da instituição, a temática está diretamente ligada às possibilidades de trabalho e empreendimento que circulam no clube. Além disso, o retorno dos concursos de miss beleza negra também se relacionava a essa compreensão de saúde mental, especialmente pelas noções de estética e beleza que seriam trabalhadas, conforme mencionado em entrevista. A proposta baseava-se na ideia de que a mulher negra poderia elevar sua autoestima ao se sentir bela, uma "miss" em potencial.

Do ponto de vista de uma Pesquisa-Ação, contudo, é importante dar espaço à fala da própria mulher negra. Nesse sentido, o depoimento de uma participante do concurso de beleza negra evidencia como a noção de saúde mental, mencionada pelo Diretor Cultural do Renascença, era percebida pelas próprias mulheres do clube: "A mulher tem que levantar cada vez mais o seu alto-astral" (Concurso [...], 2023, 7 min 45 s). Esse, portanto, era o entendimento: investir na saúde mental das mulheres negras do clube era investir no alto-astral. Essa saúde mental, vale sublinhar, era entendida dentro da linguagem cotidiana, em termos populares, com base nas compreensões locais, sociais e comunitárias sobre o conceito.

Nesse momento da pesquisa de campo, a questão da análise da demanda ganhou relevo especial. Em linhas gerais, as organizações têm alguma noção prática acerca de suas necessidades, o que explica, por exemplo, a solicitação para que o já referido

grupo de pesquisa da Pós-Graduação estudasse a tradição negra da instituição. Essa tradição incluía, entre outros elementos, os concursos de Miss Beleza Negra. Em um certo nível de apreciação da questão, tudo se apresentava claro e cristalino.

O referencial teórico da pesquisa, contudo, permite aqui um instante de inflexão, pois nem sempre os setores organizacionais têm consciência do que precisam e, por isso, não demandam aquilo que aspiram, mas expressam o que o senso-comum ou, em oposição, os especialistas e experts indicam como necessidade das organizações. Consequentemente, organizações sociais eventualmente acreditam que solicitam exatamente o que desejam ou da forma que desejam; porém, na realidade, acabam apenas expressando aquilo que lhes é inculcado como necessário, desejável ou solicitado (Baremblitt, 2002).

Não se trata, contudo, de considerar que pesquisadores vindos de fora determinem o que os membros do Renascença são, ou o que podem e devem solicitar. Muito pelo contrário: o ideal é que haja um processo de auto-organização, no qual a organização se articule e se (re)institucionaliza, construindo os dispositivos necessários para produzir, por si mesma, seus sentidos. Esse ponto – relacionado ao concurso Miss Beleza Negra – é que ensejou o seguinte procedimento da pesquisa: a problematização dos dados coletados na fase exploratória.

Procedimentos de problematização: a ambiguidade do empoderamento

Como problema de pesquisa, para além da compreensão inicial do tema da saúde mental, a problemática colocada em um segundo momento foi de como era vista a mulher negra dentro do Renascença Clube. Fundamentado no material dos depoimentos, o grupo de pesquisa identificou que a questão da "mulata", desde o início da história do clube, poderia trazer questões para hoje pensarmos no ambíguo lugar que o concurso de beleza negra ocupa para o empoderamento de mulheres negras.

Nessa etapa da pesquisa, que incluiu densa discussão teórica entre os pesquisadores, o problema de pesquisa era o lugar da mulher negra ao longo dos anos, dentro desse clube. A ambiguidade implicava contradições. Como o empoderamento pode ser trabalhado no interior do clube, considerando que o projeto valorizado é eventualmente tido como sexista?

Uma resposta adequada a essa ambiguidade pode ser obtida nas considerações de Sueli Carneiro, particularmente em sua tese de doutorado (editada posteriormente como livro), intitulada *A construção do outro como não-ser como funcionamento do ser*. De acordo com essa autora, que relaciona gênero e raça em sua análise, na sexualidade haveria a produção de uma duplicidade de opositores – positivo e negativo – tendo a cor da pele como determinante de normalidade. Assim, o olhar racista demarca a humanidade como sinônimo de brancura, e, dessa forma, redefine as demais dimensões humanas em um padrão hierárquico, de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão. Desse modo, o branco torna-se o ideal de "Ser para os Outros", e a mulher branca, um padrão para as mulheres não brancas (Carneiro, 2023). O concurso de beleza, como forma de fetiche típico da burguesia, institui para todos o padrão estético desejável de sexualidade, sendo o corpo a expressão da autoafirmação individual. Paradoxalmente, a mulher negra supostamente se afirmaria por meio da autoafirmação de sua beleza, em consonância com o propósito equivalente de uma mulher branca.

Com a retomada dos concursos de beleza, conforme colhido nos depoimentos, também estavam sendo pensados os projetos para a discussão acerca da saúde mental dos membros e frequentadores do clube. Durante a feira Afro Rena, com a ideia de promover os empreendedores que fazem parte do clube, o Diretor cultural do Renascença Clube relatou o seguinte:

> Então, nós vamos trabalhar um conceito de feira, sempre trazendo a ancestralidade. Em pouco tempo, nós vamos desenvolver isso. Na relação do empoderamento feminino

> e do negro, principalmente vamos trabalhar a questão da mulher e da beleza negra (João Carlos Martins, entrevista concedida em 27 set. 2023).

Tal relato pretende mostrar a feira como uma aposta para a promoção da discussão sobre empoderamento feminino e saúde mental. Como parte da feira, no entanto, ocorreu o concurso de Miss Beleza Negra, que fechava o evento do dia. Daí a questão, cotejada com outras pesquisas sobre o tema (Ferreira; Giorgi, 2022; Marcílio; Martins; Giorgi; Silva, 2020): como a feira de empreendimentos e o concurso de Miss Beleza Negra contribuem para o empoderamento de mulheres negras? Qual a ideia que se tem acerca do empoderamento feminino?

Depoimentos gravados das participantes não puderam ser colhidos pelos pesquisadores no dia do concurso, 30 de julho de 2023, devido à dinâmica do evento, mas estão disponíveis na reportagem da TV Rena, canal do Youtube. Das 114 inscritas, restaram dezoito finalistas. Suas declarações realçam a voz e a vivência das mulheres que estão no centro deste estudo, o que permite antever sentidos de tal empoderamento:

> — Uma representatividade incrível. Tive a oportunidade de representar aqui no Renascença, aqui no concurso, pessoas que fazem história para nossa história.
> — Eu não esperava, duvidei um pouco de meu potencial. Cada preta linda que você fica assim: será que vai dar para mim? Mas eu tô radiante, muito feliz. Isso está sendo muito significativo para minha vida.
> — Por mais que a gente acredite em nosso potencial, a gente fica meio insegura. Mas depois que vai, e dá certo, é maravilhoso.
> — Eu estou muito alegre de estar participando. E estou animada, muito animada.
> — Significa representatividade, principalmente para mim

> que sou uma mulher retinta. Para outras crianças poderem se identificar comigo, e verem: Eu também posso. É muito gratificante.
> — Eu estava muito insegura no começo, eu não queria nem vir. Mas agora que eu estou aqui, e aceitei o desafio, estou com muita alegria.
> — Vai ser uma honra representar outras mulheres negras (Concurso [...], 2023, 4 min 8 s).

A Pesquisa-Ação, naquele momento, indicava – e é esse o cerne do que precisa ser problematizado – contradições e ambiguidades. Por um lado, em que pese ser um clube tradicional de samba, o Renascença era concebido como um espaço para o qual se direcionam demandas de questões relacionadas à negritude e à saúde mental, inclusive com vínculos com serviços de saúde e assistência. Por outro lado, a instituição preserva a memória histórica de uma tradição de concursos de miss, hoje em dia considerada como sexista.

Dentro da perspectiva da Pesquisa-Ação, sempre com aportes de análises institucionais psicossociológicas, foi necessária a realização de procedimentos de levantamentos conjunturais e históricos, elemento que nos conduz ao próximo tópico. Principalmente porque, em produções artístico-culturais – como o concurso de Miss Beleza Negra, por exemplo – podem ser identificados rastros que, embora sejam microevidências, apontam para processos sutis construídos sob o imaginário do assujeitamento da mulher negra (Silva *et al.*, 2019). Esses rastros deixam marcas nas relações sociais estruturadas institucionalmente, as quais podem orientar novas condutas e comportamentos.

Algumas ressalvas, contudo, são pertinentes. No que diz respeito aos bailes como espaços de sociabilidade, há registros históricos de que o mesmo costume ocorria em diversas outras organizações negras, o que também se verifica em relação aos concursos de beleza. Como exemplo, pode-se citar, na capital de São Paulo e em cidades do interior paulista, nos anos 1930 e

1940, a organização de eventos intitulados "Bonequinha de Café", para escolher uma negra como a mais bela da cidade. E mesmo no Rio de Janeiro, então capital do país, o Teatro Experimental do Negro (TEN), em fins dos anos 1940, tinha dois concursos distintos: Boneca de Pixe e Rainha das Mulatas (Macedo, 2007). Isso demonstra que os concursos de beleza negra não eram limitados ao Rio de Janeiro, tampouco ao Renascença Clube, foco do nosso artigo.

Em que pese a aparente simetria entre "Bonequinha de Café", "Boneca de Pixe", "Rainha das Mulatas" e "Miss Beleza Negra", não é possível considerar uma mulher negra como um ente essencializado, pois não existe qualquer sujeito eterno e universal, há apenas construções sociais e linguísticas que a rotulam historicamente. Na perspectiva desenvolvida neste artigo, o que existe são processos de produção de subjetivação ou de subjetividade. E tal produção é absolutamente singular, específica, contingente. É absolutamente própria de cada lugar, de cada momento, de cada conjuntura histórica (Baremblitt, 2002). Ou seja, no "Miss Beleza Negra" produzem-se mulheres para esse acontecimento-devir, mulheres subjetivadas para e no acontecimento-devir que as produz. Podem existir analogias e/ou semelhanças entre variados concursos, mas o fundamental não é a identificação das semelhanças ou de analogias entre os assujeitamentos e as subjetivações. Mas, ao contrário, a análise das diferenças e dos interesses dominantes. Em suma, a elucidação da singularidade de cada subjetividade produzida em cada lugar, a cada momento.

Procedimentos de análise histórico-conjuntural: o concurso de miss como representação tradicional da mulher negra no Renascença Clube

A questão importante a ser pensada é: Qual o papel da mulher negra no Renascença Clube? Num primeiro momento do clube, na virada dos anos 1950 para os anos 1960, com o início dos concursos de miss, a mulher negra ocupava, para o Renascença Clube, um lugar ainda marcado por características patriarcais,

reproduzindo eventos típicos do período, que enfatizavam a exposição do corpo feminino. Nos anos iniciais, o baile e o concurso incidiam no que, na ocasião, era entendido como valorização da moça no mercado matrimonial (Giacomini, 2006). O concurso de miss representava um palco de formas de exibição dos dotes e encantos das mulheres negras.

Vale marcar, contudo, uma ruptura nessa prática discursiva. Em seu início, de caráter interno e doméstico, os concursos seguiam modelos semelhantes àqueles que existiam em clubes brancos, ainda que fossem mera tentativa de assimilação dos valores culturais da branquitude. Isso porque o surgimento do clube se deu numa época em que a ascensão social do negro decorria da industrialização inicial do país e da entrada de muitas pessoas para o serviço público. A existência de um clube social para negros e negras de classe média pode, inclusive, ser interpretada como uma tentativa de ocupar espaços na sociedade, antes reservados apenas aos brancos (Silva, 2007).

Posteriormente, no final dos anos 1950, os concursos foram usados como forma de obter forte visibilidade no entorno urbano, com ênfase francamente direcionada para o público externo. O que se passou a buscar, então, foi a afirmação e o reconhecimento da beleza da mulher negra por um público mais amplo, inclusive majoritariamente de pessoas brancas.

Com essa mudança, e direcionamento de ações para os concursos de miss, a forma como a prática discursiva era divulgada também se ampliou, alcançando o grande público. Na imprensa da cidade do Rio de Janeiro, o que indicava um olhar externo, o Clube era retratado, em meados dos anos 1960, como uma "Academia de Mulatas", em que a palavra "mulata", evidentemente carregada de conotações eugênicas, possuía, à época, um sentido social considerado elogioso. Contudo, Macedo (2007) afirma que as reportagens do período causam mal-estar aos leitores dos dias de

hoje, pois os textos da época reiteravam uma série de estereótipos e representações sexualizadas da mulher negra: "mulatinha", "escurinha" e "triagem das bem riscadas mulatinhas". O Renascença Clube era visto como aquele que "disciplinou" a mulata e como uma efetiva confirmação da democracia racial.

Ora, a valorização do concurso de beleza feminina foi formando uma tradição consolidada e uma memória afetiva dentro do Renascença, cuja fama tornou-se fortalecida pela divulgação nos meios da imprensa. Se, no início, a divulgação dos concursos era mínima ou inexistente, essa situação mudou radicalmente em meados dos anos 1960, quando o clube passou a ser noticiado nos grandes jornais da cidade e do país, de forma recorrente, ano após ano.

Talvez o episódio mais marcante desse contexto tenha sido a vitória de Vera Lúcia Couto dos Santos – primeira negra a ganhar o Miss Estado da Guanabara, em 1964 –, representando justamente o Renascença Clube no Maracanãzinho lotado. Naquele tempo, as representantes de cada estado iam para o concurso Miss Brasil, que premiava três moças: a primeira colocada representava o país no concurso Miss Universo, em Miami; a segunda ia disputar o Miss Mundo, em Londres; e a terceira viajava para Long Beach, nos EUA, para o Miss Beleza Internacional.

Vera Lúcia Couto dos Santos, do Renascença, foi eleita Miss Brasil III, ficando em terceiro lugar no concurso nacional. Ora, ser a primeira colocada na Guanabara e a terceira no Brasil todo já implicava muita visibilidade. O grande sucesso, contudo, veio logo depois, quando foi participar do certame nos Estados Unidos. Vera Lúcia tornou-se a grande sensação de Long Beach, pois, pela primeira vez, uma mulher negra conseguia obter destaque nesse tal concurso de Beleza Internacional. As representantes brasileiras selecionadas para os outros eventos mundiais – a primeira e a segunda colocadas no Miss Brasil 1964 – foram derrotadas em seus respectivos torneios, mas Vera Lucia foi classificada entre as finalistas do concurso para o qual foi destinada, ficando em terceiro lugar nesse grande evento internacional – *Miss International*

Beauty Pageant – e ainda granjeando um outro prêmio especial: *Miss Photogenic*. Como tais concursos eram muito populares e transmitidos pela TV, a população do Rio de Janeiro ovacionou Vera Lúcia desde o aeroporto do Galeão até o Méier, tornando-a um destaque que se firmou no imaginário popular (Silva, 2007). Alguns salientam, inclusive, que Vera Lucia foi a musa inspiradora da marchinha carnavalesca de grande sucesso "Mulata Bossa Nova" (Brunet, 2016), fato confirmado pelo próprio compositor João Roberto Kelly. Trata-se ainda hoje de uma das canções mais executadas do carnaval carioca: *Mulata bossa nova/Caiu no Hully Gully/E só dá ela/Na passarela/Esnobando as louras*.

A repercussão do feito de Vera Lúcia Couto dos Santos, somado a outros momentos de destaque, foi se consolidando em torno de um sentimento de nostalgia. Sendo assim, em anos recentes, muitos dirigentes começaram a achar necessário o resgate da tradição. Até que, no ano de 2023, finalmente, os concursos de Miss Beleza Negra no Renascença Clube foram retomados nos mesmos moldes do passado, conforme divulgado da seguinte maneira em plataformas digitais, como o Facebook:

> Promovido pelo Renascença Clube, Conselho Estadual dos Direitos dos Negros e Promoção da Igualdade (CEDINE-PIR) e pelo Grupo Palco dos Mil Sonhos (GPMS), o Concurso Beleza Negra/2023 tem como objetivo fomentar a nossa cultura revelando a história da força e beleza da mulher negra, fruto de inspiração do nosso ícone, Abdias do Nascimento, quando realizava os Concursos de Beleza Negra – "Boneca de Piche" e "Rainha das Mulatas" – assim como, no posicionamento do Renascença Clube em relação à força e empoderamento negro. Vale lembrar que, nos anos 50 e 60, o Renascença ousou lançando mulheres negras nos concursos de beleza, a nível nacional. E foi vitorioso, quando a "Miss Renascença", Vera Lúcia Couto, foi eleita Miss Guanabara, em 1964. Um título emblemático, já que ela foi a primeira mulher negra a

> vencer um concurso de Miss, se tornando referência da atuação política e social e símbolo de resistência do povo negro (Renascença [...], 2023).

A última etapa da Pesquisa-Ação, conforme adaptação incorporada nesta pesquisa, foi a discussão que articulou os depoimentos, a observação, o levantamento histórico, as fontes e os referenciais teóricos. O registro desse procedimento pode ser visto no tópico deste artigo a seguir.

Procedimentos de sistematização dos resultados: O mito da democracia racial e o lugar da mulher negra no discurso do Renascença Clube

Os levantamentos empreendidos permitem situar o Renascença frente ao duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Se o racismo, em si, se constitui de forma sintomática, a articulação com o sexismo, por sua vez, produz efeitos deletérios sobre a mulher negra em particular.

De fato, Lélia Gonzalez, em seu texto *Racismo e Sexismo na cultura brasileira* (1984), traz a denúncia do racismo e do sexismo que assola o ideário construído em particular sobre a mulher negra. Com a incidência do mito da democracia racial, a construção social da mulata como produto de exportação desse discurso violenta os corpos de mulheres negras. E é por meio dessa "imagem de controle" – conceito desenvolvido por Patricia Hill Collins (2019) para explicar imagens tais como "mulata", criadas para disciplinar o papel social de mulheres negras – que se possibilita a manutenção de seu lugar como objeto.

> O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na "mulata deusa do meu

> samba", "que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/tirando o sossego da gente". É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. Estes, por sua vez, tentam fixar sua imagem, estranhamente sedutora, em todos os seus detalhes anatômicos; e os "flashes" se sucedem, como fogos de artifício eletrônicos. E ela dá o que tem, pois sabe que amanhã estará nas páginas das revistas nacionais e internacionais, vista e admirada pelo mundo inteiro. Isto, sem contar o cinema e a televisão. E lá vai ela feericamente luminosa e iluminada, no feérico espetáculo (Gonzalez, 1984, p. 228).

O carnaval, no Brasil, é a festa que atualiza tal mito, mas não é a única. No caso do Renascença Clube, se focarmos no período de integração dos concursos de miss, podemos pensar nessa prática discursiva como uma forma de atualização desse mito sobre a mulher negra? E com os concursos que voltaram no ano de 2023, quais são os discursos trazidos sobre as mulheres negras que nele participam? E quanto aos projetos que ocorrem dentro do clube, será que algum deles privilegia mulheres negras como sujeitas, agentes (Asante, 2009), ou será que se perpetua, de maneira atualizada, a disseminação da imagem de controle da mulata, sob outra roupagem?

Ora, como todo mito, o da democracia racial também é alienante, e oculta algo para além daquilo que mostra. Gonzalez (1984) constata que o sexismo exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Há um outro lado do endeusamento carnavalesco do corpo dessa mulher, no momento cotidiano, quando ela reassume a função, por exemplo, de empregada do-

méstica. É por aí, também, que se constata que os termos "mulata" e "doméstica" são atribuições de uma mesma mulher, que não é tida como sujeito de si mesma. Já que é expropriada de si numa nomeação que vai depender da situação em que é vista.

Contudo, para aprofundarmos essa discussão, é necessário questionar: o que seria "ser mulata"? E por que essa categoria aprisiona mulheres negras num ciclo de violências simbólicas, abusos e explorações? Não se trata somente de uma categoria supostamente neutra das ciências humanas e sociais, mas algo que traz em seu bojo necropolíticas variadas.

No Brasil da virada do século XIX para o XX, o termo era vinculado, pelo racismo científico, ao diagnóstico de "degeneração", conceito oriundo do franco-austríaco Bénedict-Augustin Morel (1809-1873), em *Traité des dégénérescences*, publicado em 1857, uma vez que ser mulata era ser "degenerada". A mulata, portanto, carregava em si traços atávicos dessa degeneração mestiça, o que resultava na reaparição em seus filhos e netos desses caracteres degenerados de um ascendente negro remoto e que perdurariam latentes por seguidas gerações. Tal estigma degenerativo, associado à ideia de atavismo, implicaria influências mórbidas permanentes, tais como alcoolismo, epilepsia, sífilis, libertinagem, imbecilidade e promiscuidade, conforme se acreditava na época (Castro; Facchinetti, 2022).

No entanto, frente às perspectivas culturalistas de Gilberto Freyre, nos anos 1930, a mestiçagem passou a ser percebida como algo positivo, e a aquarela brasileira começou a incorporar vários matizes – da morena sestrosa à mãe preta do cerrado – a ponto de Ary Barroso afirmar que iria cantar o mulato em seus versos. Essa abordagem, posteriormente classificada como "democracia racial", configurava-se como um mito, conforme já dito, uma vez que o racismo não era de fato enfrentado, mas apenas artificialmente amenizado. A prova disso é que, anos mais tarde, já dentro desse discurso da democracia racial, a condição de "mulata" chegou até

mesmo a ser apresentada como profissão, para a qual havia, inclusive, um curso de formação, promovido por uma casa de shows da cidade do Rio de Janeiro e com o apoio de instituições como o SENAC e o RIOTOUR (Giacomini, 1992).

Para Giacomini (1992), a categoria mulata está muito presente em diversas tentativas de construção de modelos integrados, explicativos e descritivos dos modos e dos discursos de constituição étnica da nacionalidade brasileira. Ao destacar os trabalhos de Nina Rodrigues, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, Giacomini (1992) traça o percurso pelo qual os intelectuais brasileiros fundamentaram seus pensamentos, nos quais transitaram de tratar a mestiçagem como "problema a ser resolvido" – no caso das interpretações do racismo científico – à solução para a questão da identidade nacional –no caso do mito da democracia racial.

O que se evidencia nesses trabalhos, principalmente ao considerarmos o pensamento de Freyre, é que eles funcionam como estereótipos. Clichês como o da "negra velha" e o da "mulata" atestam posições marcadas pela subalternidade e pelo servilismo (Santos, 2017). Em vista disso, para que possamos compreender o mito da democracia racial como um discurso, e como ele opera na construção dos estereótipos que sobressaem em mulheres negras, retomemos o que Michel Foucault (1996) conceitua sobre o assunto. Para o autor, o discurso é um dispositivo, está fixado em uma relação de poder e por isso realiza-se em um campo específico com base nas múltiplas relações que estabelece.

Para Foucault (1996, p. 9), a produção discursiva engendra controle, seleção, organização e redistribuição por meio de procedimentos que "têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade". Ou seja, existem mecanismos aos quais os discursos estão submetidos e que, ao mesmo tempo, têm o poder de instaurar uma ontologia, na qual a enunciação possibilita a construção de sujeitos sobre os outros (Carneiro, 2023). O discurso é, para "além daquilo que se manifesta, um objeto de desejo. É aquilo pelo que se luta, é o poder que se deseja" (Foucault, 1996, p. 10).

Ao pensarmos o mito da democracia racial como esse dispositivo de discurso, o que ali seria o desejo e o poder em questão? E, em específico, ao tratarmos o estereótipo da mulata, quais formas de poder e controle esse discurso exerce sobre os corpos de mulheres negras? O que essa posição de hipersexualização e objetificação de tais corpos poderia ou impediria contribuir para seu empoderamento?

Dentro da perspectiva da Pesquisa-Ação, adotada nesta pesquisa, todos esses questionamentos apontam para procedimentos de intervenção e de investigação marcados pela implicação com a transformação de práticas sociais e a efetiva emancipação das mulheres negras. Tais questões não apontam respostas asseverativas, mas reflexões pertinentes, aspectos esses melhor sintetizados nas considerações e ponderações que finalizam o artigo.

Considerações Finais

Ao longo do presente artigo foi possível identificar que a fase exploratória da pesquisa revelou que o Renascença Clube, ao focar na saúde mental das mulheres negras, adota uma abordagem ampla e ainda em construção de seus objetivos. Embora o clube desenvolva projetos significativos em parceria com o poder público, principalmente com o município do Rio de Janeiro, a definição do que é compreendido como saúde mental permanece etérea, assim como o entendimento da noção de empoderamento e de autoestima da mulher, especialmente no contexto de beleza e pertencimento negro.

A presença de iniciativas como rodas de conversa sobre alimentação, beleza e gastronomia reflete, ao nosso ver, um esforço para integrar a saúde mental ao cuidado da identidade e ao fortalecimento do protagonismo feminino. No entanto, acredita-se que essas ações demandam maior clareza e detalhamento, evidenciando a necessidade de um aprofundamento na compreensão e realização dos projetos, para garantir que as ações de cuidado, promovidas pelo clube – e também nele –, realmente atendam às necessidades da população envolvida.

Ademais, a pesquisa revelou as complexas contradições no tratamento da mulher negra dentro do Renascença Clube, especialmente em relação à retomada dos concursos de beleza negra, que, por um lado, visam promover o empoderamento feminino, mas, por outro, carregam elementos potencialmente sexistas e problemáticos. A ambiguidade entre a promoção da saúde mental e o reforço de estereótipos estéticos ressurge como um ponto central de nossa reflexão. A análise histórica e conjuntural permitiu entender que, embora o clube se posicione como um espaço de resistência e valorização da cultura negra, a estruturação de eventos como o concurso de Miss Beleza Negra pode, inadvertidamente, contribuir para a perpetuação de padrões que, em muitos casos, reforçam as dinâmicas de subordinação da mulher negra. Dessa forma, a pesquisa indica que o empoderamento feminino, neste contexto, é um conceito em disputa, exigindo um olhar crítico sobre as práticas institucionais que buscam integrá-lo.

Em síntese, os concursos de beleza e o desenvolvimento de projetos voltados para a saúde mental e para o empoderamento feminino ainda revelam um enredo discursivo que, muitas vezes, reatualiza essas categorias de controle, limitando o protagonismo autêntico da mulher negra. Assim, é fundamental uma reflexão sobre como essas práticas podem ser repensadas e ressignificadas, para que realmente promovam um empoderamento feminino, libertando as mulheres negras de estigmas historicamente construídos e criando um espaço de afirmação de suas identidades e subjetividades.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BAREMBLITT, Gregorio Franklin. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.

BARROS, Regina Duarte Benevides. Intervenção psicossociológica. *In:* LÉVY, André; NICOLAÏ, André; ENRIQUEZ, Eugene; DUBOST, Jean. **Psicossociologia**: Análise Social e Intervenção. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 155-159.

BARROS, Regina Duarte Benevides. Institucionalismo e dispositivo grupal. *In*: RODRIGUES, Heliana Conde de Barros; ALTOÉ, Sonia (org.). **Saúde Loucura 8**: Análise Institucional. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 65-78.

BRUNET, Daniel. **Segunda-feira**: a história do samba do Trabalhador. Rio de Janeiro: Sonora, 2016.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CASTRO, Alexandre de Carvalho. Mental test implementation in the National Technical School in the period between 1942 and 1959: An analysis from the questioning of the notions of center and periphery. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 13, n. spe5, p. 1729-1738, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy13-5.mtin. Acesso em: 14 ago. 2024.

CASTRO, Alexandre de Carvalho. Memórias póstumas da loucura mulata: as apropriações de Machado de Assis sob o corte patológico. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, RJ, v. 26, n. 3, p. 863-877, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000300008. Acesso em: 10 set. 2024.

CASTRO, Alexandre de Carvalho; FACCHINETTI, Cristiana. História da Psicologia no Brasil: Os diferentes significados de degeneração (1903-1930). **Revista Interamericana de Psicología/ Interamerican Journal of Psychology**, Cidade do México, v. 56, n. 2, p. e1691, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.30849/ripijp.v56i2.1691. Acesso em: 11 ago. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONCURSO Miss Beleza Negra. Rio de Janeiro, RJ, 19 jul. 2023. 1 vídeo (9 min 39 s). Publicado pelo canal TV Rena. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a2DaW-hlSv8. Acesso em: 15 jun. 2024.

DaMATTA, Roberto. Notas sobre o racismo à brasileira. *In:* SOUZA, Jessé (org.). **Multiculturalismo e racismo**: uma comparação Brasil – Estados Unidos. Brasília: Paralelo, 1997. p. 69-76.

DUBOST, Jean. As origens técnicas da intervenção psicossociológica e algumas questões atuais. *In*: LÉVY, André; NICOLAÏ, André; ENRIQUEZ, Eugene; DUBOST, Jean. **Psicossociologia**: Análise Social e Intervenção. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 223-247.

FERREIRA, Mirian Alves; GIORGI, Maria Cristina. Mulher e Funk: as relações mulheristas na cultura diaspórica do Rio de Janeiro. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 24-38, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.185041. Acesso em: 21 set. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Profissão Mulata**: Natureza e aprendizagem em um curso de formação. Rio de Janeiro: Appris, 1992.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Brasília, p. 223-244, 1984. Disponível em: http://bds.unb.br/handle/123456789/1141. Acesso em: 11 nov. 2024.

HIRATA, Helena. Gênero, Classe e Raça: Interseccionalidade e Consubstancialidade das Relações Sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNLNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/abstract/?lang=pt. Acesso em: 27 out. 2025.

KOERICH, Magda Santos; BACKES, Dirce Stein; SOUSA, Francisca Georgina Macêdo de; ERDMANN, Alacoque Lorenzini; ALBUQUERQUE, Gelson Luiz. Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 717-723, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.5216/ree.v11.47234. Acesso em: 12 jul. 2024.

LEÃO, Luís Henrique da Costa; CASTRO, Alexandre de Carvalho. Políticas públicas de saúde do trabalhador: análise da implantação de dispositivos de institucionalização em uma cidade brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 769-778, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000300023. Acesso em: 8 nov. 2024.

LEITE, Ana Luiza; LEMOS, Dannyela da Cunha. Utilização da pesquisa-ação no campo das ciências sociais aplicadas*.* **Read. Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 64-91, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-2311.345.114473. Acesso em: 12 jul. 2024.

LEWIN, Kurt. Action Research and Minority Problems. **Journal of Social Issues**, New York, v. 2, p. 34-46, 1946. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x. Acesso em: 4 jul. 2024.

MACEDO, Marcio. Renascença Clube: relações raciais e de gênero em ritmo de festa. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 398-407, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000200012. Acesso em: 18 jun. 2024.

MARCÍLIO, Carolina Marinho; MARTINS, Elisamar Pereira; GIORGI, Maria Cristina; SILVA, Luciana de Mesquita. Da (re) existência à escrevivência da mulher negra: poesia slam como forma de resistência. **REVELL - Revista de estudos literários da UEMS**, [*s. l*], v. 1, n. 24, p. 374-394, 2020. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/5026. Acesso em: 27 out. 2024.

MELO, Armando Sérgio Emerenciano; MAIA FILHO, Osterne Nonato; CHAVES, Hamilton Viana. Lewin e a Pesquisa-Ação: gênese, aplicação e finalidade. **Fractal**: Revista de Psicologia, Niterói, RJ, v. 28, n. 1, p. 153-159, 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1162. Acesso em: 9 jul. 2024.

MELO, Emerson Costa de; SILVEIRA, Aline da Fonseca Sá e. Agenciamento e resistência no Atlântico Negro: o fenômeno da (des) (re)territorialização da população negro-africana sob uma perspectiva afrocêntrica. **Revista da ANPEGE**, Dourados, MS, v. 19, n. 38, p. 2-19, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.5418/ra2023.v19i38.13820. Acesso em: 22 set. 2024.

MONCEAU, Gilles. Transformar as práticas para conhecê-las: pesquisa-ação e profissionalização docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 467-482, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300010. Acesso em: 20 jun. 2024.

MONTEIRO, Eric. Renascença Clube: O fortalecimento da identidade negra em um clube do RJ. **Le Monde Diplomatique**, 2019. Disponível em https://diplomatique.org.br/o-fortalecimento-da-identidade-negra-em-um-clube-do-rj/. Acesso em: 20 set. 2024.

RENASCENÇA CLUBE. **Concurso Beleza Negra 2023**. Rio de Janeiro, 13 jun. 2023. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/RenascencaClube/photos/concurso-miss-beleza-negra2023promovido-pelo-renascen%C3%A7a-clube-conselho-estadual-/678018421034870/?_rdr. Acesso em: 12 jan. 2026.

SANTOS, Thaís Silva dos. Mulata e Mãe Preta do Século XXI: Discutindo representações de mulheres negras no Brasil. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11.; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017, p. 1-11. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499174405_ARQUIVO_ThaisSantosFazendoGenero.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

SILVA, Luciana de Mesquita; *et al*. De Cumbe a Run for It: traducción y cuestiones étnico-raciales. **Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción**, Medellín, v. 12, n. 2, p. 406-432, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.17533/udea.mut.v12n2a04. Acesso em: 15 ago. 2024.

SILVA, Joselina. A representação do corpo: Bandeira de identidade, raça, gênero e democracia, na década de sessenta. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais** [...]. São Leopoldo: Unisinos, 2007. p. 1-8. Disponível em: https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/29-snh24?start=40. Acesso em: 10 ago. 2024.

TRIPP, David. Action research: a methodological introduction. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 443-66, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009. Acesso em: 15 jul. 2024.